

# CONTOS DO PÓS-CONFLITO PERUANO: AO FIM DA BATALHA, VIOLÊNCIA E DESRESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS

Luíza Janaína Leandro dos Santos (PPGLetras/UFC)

Roseli Barros Cunha (PPGLetras/UFC)

## RESUMO

Segundo o *Informe Final de la Comisión de la Verdad y de la Reconciliación (CVR)*, durante os anos 1980 e 1990, o Peru enfrentou a época mais violenta da história do país a partir de um conflito entre diferentes governos e grupos terroristas, que deixou mais de setenta mil mortos. Ana Maria Vidal Carrasco (2015) reuniu no livro *Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el terror* sete contos que relatam casos de violência e de desrespeito aos direitos humanos durante este período. Investigar as diversas manifestações da literatura latino-americana e fortalecer a importância da pluralidade cultural tornaram-se temas recorrentes por Ana Pizarro (1985) e Eduardo Coutinho (2003), bem como a propagação e o respeito à cultura indígena. Além disso, de acordo com Carrasco (2015), precisamos conhecer os relatos das pessoas mais afetadas por estes conflitos, pois a criação de uma memória coletiva poderá combater a reprise de tais fatos. Assim, esse trabalho objetiva analisar dois contos da antologia sobre histórias de indígenas que sofreram diversos tipos de violência, a fim de divulgá-los, e salientar o descaso com esses povos, os quais sofrem e permanecem com sequelas físicas e psicológicas. Tal análise possibilitou enfatizar a importância do estudo da América Latina por meio da propagação de histórias silenciadas ao longo dos anos, fortalecendo a empatia. Conclui-se, ainda, que a análise dos contos corroborou para o fortalecimento da identidade latino-americana e para a construção da memória de traumas sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência. Pós-conflito. Indígenas.

## ABSTRACT

According to the *Informe Final de la Comisión de la Verdad y de la Reconciliación (CVR)*, during the 1980s and 1990s, Peru faced the most violent time in the country's history after a conflict between different governments and terrorist groups, which caused more than seventy thousand deaths. Ana Maria Vidal Carrasco (2015) brought together in the book *Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el terror* seven tales that report cases of violence and disrespect for human rights during this period. Investigating the various manifestations of Latin American literature and fortify the importance of cultural plurality have become recurrent themes by Ana Pizarro (1985) and Eduardo Coutinho (2003), as well as the propagation and respect for indigenous culture. Furthermore, according to Carrasco (2015), we need to know the reports of the people most affected by these conflicts, because the creation of a collective memory can combat the replay of such facts. Thus, this study aims to analyze two tales from the anthology about stories of indigenous who suffered different types of violence, in order to publicize them, and highlight the disregard for these peoples, who suffer and remain with physical and psychological consequences. Such analysis made it possible to emphasize the importance of studying Latin America through the propagation of silenced stories over the years, strengthening empathy. It is also concluded that the analysis of the stories contributed to the fortification of the Latin American identity and to the construction of the memory of social traumas.

**KEYWORDS:** Violence. Post-conflict. Indigenous

Na obra *Decadencia y caída de la ciudad letrada*, Jean Franco (2003) expõe sua visão sobre a icônica obra de Vargas Llosa, *La guerra del fin del mundo*, como “una narrativa histórica que sugiere una crítica a la guerrilla de los años 60 y 70” (FRANCO, 2003, p.307), enfatizando que há décadas a América Latina convive com conflitos sangrentos entre o povo e o Estado.

Durante 20 anos, a população peruana vivenciou uma época de grande conflito interno, com episódios de violência e desrespeito aos direitos humanos que aconteciam livremente e que, até hoje, não receberam a devida punição. Os atos de crueldade poderiam acontecer a qualquer momento, pois os terroristas peruanos agiam covardemente contra a própria população; em contrapartida, para Boesten (2014, p. 09), o governo também cometeu atos de atrocidade contra as pessoas que viviam naquele país.

De acordo com os estudos de Boesten (2014, p. 11), o perfil de grande parte das vítimas está relacionado com raça, classe e gênero. O autor salienta que a raça está fortemente associada a linguagem (castelhano *versus* línguas indígenas, principalmente o quéchua), geografia, educação e vestimentas, além de características físicas.

As características associadas a classe, educação, profissão, padrões de consumo estão fortemente racializadas: o indivíduo não pode ser de classe média e indígena ao mesmo tempo, pois a “aculturação” modifica a raça. A indigeneidade, por sua vez, se associa a pobreza e marginalização e tende a ter uma conotação negativa no Peru. [...] As desigualdades que se dividem em raça, classe e gênero influenciam fortemente o perfil de vítima do conflito no Peru [...]. (BOESTEN, 2014, p.11, tradução nossa)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> No original: Las características asociadas con clase educación, profesión, patrones de consumo están fuertemente racializadas: uno no puede ser de clase media e indígena al mismo tiempo, pues tal “aculturación” cambia la raza. La indigeneidad, a su vez, se asocia a la pobreza y marginalización, y tiende a tener una

As mulheres e crianças indígenas fazem parte do grupo de vítimas que mais sofreram com ataques a seus familiares e a elas mesmas. Nesse sentido, Carrasco (2015) reuniu no livro *Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el terror* sete contos que relatam casos de violência e de desrespeito aos direitos humanos. A antologia de contos tem a intenção de construir uma memória coletiva dos traumas sociais sobre crimes contra a humanidade e divulgar os fatos ocorridos por meio dos relatos dos sobreviventes daquela época. Em consonância com a organizadora dos contos, Ferreira (2017, p. 20) defende, ainda, que devemos construir uma memória de traumas para excluir o negacionismo generalizado e criar uma memória de resistência ao esquecimento.

Para conhecer os fatos e evitar o esquecimento, é interessante, sobretudo, estudar o que por muitos anos se observa na América Latina, por meio da literatura latino-americana e várias outras disciplinas que possam trazer contribuições para esse tema tão vasto. Ana Pizarro (1985, p. 13) chama atenção para a complexidade da delimitação do termo literatura latino-americana, uma vez que está vinculado à América Latina e, por isso, em constante modificação. Pizarro (1985, p. 16) explica que, inicialmente, o termo fazia referência aos países que falavam o idioma espanhol. Portanto, considerava-se a expressão literatura hispano-americana. No início do século XX, o Brasil começa a integrar a ideia de literatura latino-americana. Paralelas a isso, as literaturas e as culturas indígenas ganham reconhecimento, o que gerou a noção global de identidade cultural do continente. Mais tarde, Coutinho (2003, p. 23) alertou para a contemplação do estudo dos diversos registros, como os populares e de línguas indígenas, para fortalecer o reconhecimento das manifestações da literatura latino-americana existentes no continente. Segundo o crítico:

O conceito de literatura latino-americana não se atém nem ao mero somatório de distintas literaturas nacionais, nem a uma generalização abstraída de qualquer análise histórica concreta; ao contrário, consiste na

---

connotación negativa en el Perú. [...] Las desigualdades que se intersecan de raza, clase y género, influyen fuertemente el perfil de víctima del conflicto en el Perú [...]. (BOESTEN, 2014, p.11)

construção de uma unidade plural e móvel, que busque dar conta da tensão entre a produção literária geral do continente e suas diferenças específicas. (COUTINHO, 2003, p. 25).

Para nossa análise, selecionamos dois contos, intitulados “La muerte tenía nuestros dedos” e “Cuando el río suena”, com histórias de indígenas que sofreram diversos tipos de violência: física, sexual, moral, psicológica e patrimonial. Enquanto um conto retrata a história de mulheres indígenas, o outro apresenta a triste história de crianças que passam por uma aculturação, sendo forçadas a esquecerem seus costumes em detrimento de uma cultura do colonizador. Os dois contos exemplificam diferentes tipos de violências contra os personagens – ambos sofrem com sequelas físicas e psicológicas. São, nesse sentido, violências que aumentam a dificuldade de sobrevivência e fortalecem a desigualdade entre as culturas, pois, historicamente, a região andina peruana já é vista de forma depreciativa, tendo menor importância para o governo e elite peruana, como aponta Boesten (2014, p. 09).

## PERU NOS ANOS 1980 E 1990: O DUPLO TERRORISMO

Segundo o *Informe Final de la Comisión de la Verdad y de la Reconciliación (CVR)*<sup>2</sup>, durante os anos 1980 até o fim dos anos 1990, o Peru enfrentou a época mais violenta da história do país, a partir de conflitos entre diferentes governos e grupos terroristas, como o *Sendero Luminoso (SL)* e o *Movimiento Revolucionario Tupac Amaru (MRTA)*, que deixaram mais de setenta mil mortos.

De acordo com Carlos Iván Degregori (2010, p. 16), no livro *El surgimiento del Sendero Luminoso*, o movimento ergueu-se como uma luta armada em prol da gratuidade do ensino público, iniciado em Ayacucho, liderado por um professor universitário chamado

---

<sup>2</sup> Órgão peruano responsável por analisar o contexto, as condições políticas sociais, bem como o comportamento daqueles que contribuíram para a situação de violência, tanto pelo Estado quanto pela sociedade.

Abimael Guzmán. O antropólogo peruano Degregori (2010, p. 51) conta que em 1969 o governo militar sancionou uma lei reformista que anulava a gratuidade do ensino público caso o estudante reprovasse alguma disciplina, ainda que a recuperasse posteriormente. O Decreto Supremo 006/69-EP prejudicava visivelmente os estudantes oriundos de classe pobre, como os pertencentes às comunidades indígenas rurais, pois o valor exigido para estudar era muito maior que um salário recebido por um pai de família que trabalhava no campo.

Em 1980, o Sendero Luminoso atacou um centro de votação no povoado andino de Chuschi, localizado na região de Ayacucho, no Peru, dando início ao conflito interno que duraria cerca de 20 anos. O grupo espalhou terror em grande parte do Peru e agrediu todos os grupos sociais. De acordo com Degregori, os atos de extrema violência produzidos pelo *SL* foram revidados pelo governo de maneira despreparada, fomentado pelo preconceito contra os andinos. Segundo a CVR *apud* Boesten (2014, p. 10), a desolação dos povos rurais mantidos na ignorância pelos governos e pela população peruana em geral contribuiu para somar 69.280 mortos e desaparecidos, dos quais 80% eram jovens indígenas. Além disso, Ferreira (2017, p. 19) afirma que as mulheres sofreram tanto como testemunhas quanto como vítimas, o que ficou constatado através dos informes de vários volumes publicados em 2003 pela CVR, que se esforçou para incluir a perspectiva de gênero, mostrando a violação massiva de mulheres, especialmente jovens indígenas, cometida, principalmente, pela polícia e militares.

Saona (2014) revela, em seu estudo, formas de entender o passado peruano através da empatia de artistas organizadores de exposições de arte visual e memoriais, que se inclinam às condições de indivíduos que sofreram e sofrem com sequelas do pós-conflito. Para a autora, diante da indiferença do povo peruano, a CVR tomou como uma de suas metas centrais divulgar massivamente as atrocidades vividas pelos povos mais afetados; ou seja, foi necessário desenvolver projetos para apresentar os múltiplos depoimentos acariciados pela comissão responsável. O primeiro fruto desse esforço foi a mostra fotográfica intitulada *Yuyanapaq. Para recordar*, exibida em agosto de 2003, em Lima, o que deu lugar a várias outras exposições, como o projeto *Ikumi*, desenvolvido pelo Ministério da Cultura do Peru,

que busca dar espaço às vítimas a fim de tornar públicas suas histórias, segundo Raúl García (2020), idealizador do projeto.

## CONTOS SOBRE UMA REALIDADE QUASE ESQUECIDA

O livro *Al fin de la batalla. Después del conflicto la violencia y el terror* foi publicado em 2015 e reúne sete contos compilados por Ana Maria Vidal Carrasco, em que as narradoras se solidarizam com as histórias de pessoas que viveram a realidade brutal dos anos 80 e 90 no Peru com as políticas de extermínio das classes mais vulneráveis: indígenas, mulheres, crianças e pobres. Conforme aponta Ferreira (2017, p. 18), trata-se de pessoas invisibilizadas, que têm seus direitos violados e são, por isso, consideradas sacrificáveis.

Carrasco (2015) almeja, através da ficção, divulgar o que foi o período do pós-conflito. A autora teve a oportunidade de participar de algumas audiências da CVR e enfatiza que o que foi vivido precisa ser contado e lembrado para que não caia no esquecimento e, conseqüentemente, não se repita. Esse alerta serve não só para a população peruana, mas para toda a América Latina, que vive conflitos internos historicamente, em que os menos favorecidos são cada vez mais impulsionados para a margem da sociedade, encurralados, sem direitos e com educação e saúde precárias. A organizadora ressalta, ainda, que a memória da violência deve se transformar em ação política, já que o tema dos direitos humanos é visto como “privilégios” ou “conquistas”.

A antología reúne os seguintes contos: “La muerte tenía nuestros dedos”, de Jennifer Thorndike; “Cuando el río suena”, de Christiane Félip Vidal; “La etapa del Nido”, de Nataly Villena; “Caminos”, de Ysa Navarro; “Voy a Cantarte”, de Karina Pacheco; “El grito”, de Claudia Salazar y Julia Wong com “Algunos infortunios de la mujer con el cabello rojo”. Cada história mostra, a partir de perspectivas diferentes, sujeitos que foram impactados pelo conflito. Para este artigo, concentraremos-nos em dois contos: “La muerte tenía nuestros dedos” e “Cuando el río suena”, que abordam a condição das mulheres e crianças indígenas no pós-conflito peruano.

O primeiro conto que será analisado, “La muerte tenía nuestros dedos”, retrata a época do segundo governo de Alberto Fujimori, cujo principal objetivo era diminuir o índice populacional no Peru, o que gerou uma guerra contra os direitos reprodutivos da mulher – mundialmente conhecida como o caso das esterilizações forçadas. Conforme Carrasco (2015, s/p), 1991 foi declarado “el año de la planificación familiar”, fazendo parte dos programas específicos de saúde reprodutiva e planejamento familiar pensados pelo governo, o qual visava à diminuição da taxa de natalidade em 2%.

A história é narrada pela protagonista de maneira reflexiva e piedosa, uma médica que participa diretamente dos atos de violência contra as mulheres indígenas. Já no início do texto, revela que pouco sabia o que estava acontecendo ali e que seu dever era “obedecer y ejecutar” (THORNDIKE, 2015, s/p). Comenta que era aconselhada, repetidamente, sobre a importância de cumprir a meta de operar 25 mulheres indígenas por dia. Para isso, médicos e enfermeiras foram deixados em uma pequena região indígena, onde improvisaram uma espécie de posto móvel para a execução dos atos de violência contra o direito de reprodução daquelas mulheres.

No decorrer do conto, a narradora chama a atenção para a ética profissional dos médicos, pois se mostra temerosa, questiona seus futuros atos e observa que seus colegas também parecem estar bastante apreensivos com a nova missão. Ou seja, a protagonista não é totalmente indiferente ao que está acontecendo naquele lugar, o que notamos no trecho a seguir:

Pensé que no se podía operar en esta posta con las paredes sucias, llenas de marcas de dedos antiguos y fluidos, con pisos e instrumentos que no habían sido desinfectados. Pensé que iba a ser muy difícil explicar el procedimiento, todo era muy difícil porque no hablábamos su idioma. [...] Esto no está bien, pensé mientras mis manos tensaban. Doctora, es por su bien, escuché. Es por su bien. Era cierto: mis dedos estaban haciendo lo correcto, las mujeres me iban a agradecer. No existirían más niños con hambre... Que vocación de servicio tan pura (THORNDIKE, 2015, s/p)



A protagonista enfrenta um conflito entre estar fazendo o certo ou o errado. Porém, suas indagações são interrompidas pelas inúmeras vezes que escuta do seu superior que o trabalho executado ali é o melhor para a sociedade e acaba acreditando que está fazendo o bem para as mulheres. Convencidos de sua importante missão, nos dias seguintes, após lograrem as autorizações de maneira fraudulenta e astuciosa, aproveitando-se da dificuldade de comunicação no idioma quíchua, os médicos foram de casa em casa buscar as mulheres à força. Iniciam-se, então, os procedimentos cirúrgicos em um lugar improvisado, desprovido de higiene ou materiais adequados.

Tuve que limpiar mis dedos solo con alcohol, reusar unos guantes y una mascarilla que me dijeron ya estaban limpios. La enfermera [...]. Me pasó un escalpelo viejo y unas tijeras. [...] La luz no era suficiente y no tenía precisión. (THORNDIKE, 2015, s/p)

Provavelmente, os fatos apresentados no conto acontecem no decorrer de poucos meses, o suficiente para as mulheres operadas perceberem que não estavam conseguindo gerar filhos, diferentemente das outras indígenas que se recusaram a participar do processo. A partir de então, percebe-se o início de um conflito direto entre os habitantes da região e o grupo de médicos. A narradora conta ainda que as mulheres esterilizadas sofreram estigmas, sendo consideradas mulheres inférteis, corpos incompletos, pois como salienta Raúl García (2020), no mundo andino há uma estreita relação entre a mulher e a terra, ambas são fonte de vida. É o que se constata também no trecho abaixo:

Esas mujeres sanas ahora eran consideradas cuerpos incompletos, inválidos, cadáveres que caminaban con el atado de ropa y algunos víveres de la canasta que habíamos dado a cambio de manipular sus cuerpos. Miraban con recelo hacia la posta y caminaban en dirección a un corralón abandonado, donde se mezclaban entre basura y excremento de animales. Ahí se habían reunido esos cuerpos llenos de cicatrices mal

cocidas. [...] Los hombres que pasaban por ahí las insultaban, les tiraban restos de comida. [...] Los hombres del pueblo no lo entendían, querían seguir procreando, trabajando una tierra fértil que no producía nada, arreando vacas que parecen esqueletos. (THORNDIKE, 2015, s/p)

Para Ferreira (2017, p. 21), o conto finaliza com certa justiça poética: as mulheres com suas cicatrizes se empoderam e resolvem rechaçar da comunidade o grupo destinado a realizar as esterilizações forçadas. Antes de expulsá-lo, as mulheres marcaram as palmas das mãos dos médicos e enfermeiras para que ficassem com os dedos atrofiados e nunca mais pudessem machucar outras mulheres indígenas pobres, sendo assim, os dois grupos de mulheres terminam marcados para sempre.

Enquanto o primeiro conto é apresentado em primeira pessoa, “Cuando el río suena” é contado em terceira pessoa, a partir de uma narradora onisciente que aborda a história de crianças que ficaram órfãs após a guerra e foram deslocadas de suas comunidades para lugares desconhecidos, onde deveriam começar uma vida, supostamente, melhor. Muitas crianças foram transportadas para albergues onde os diretores eram estrangeiros, como no caso de Leonardo, protagonista do conto. De acordo com Ferreira (2017, p. 22), durante estas missões, os pastores responsáveis por cuidar das crianças tinham como objetivo integrá-las na sociedade mediante um processo de ocidentalização cultural que apaga sua cultura.

O conto acontece nos arredores de um albergue, em que muitas crianças são acolhidas e passam a estudar a cultura ocidental. Neste novo lugar, as pessoas falam em um idioma desconhecido com as crianças e não as ajudam a superar o trauma de perder familiares e sair de sua comunidade. Sendo assim, as crianças ficam mudas e tentam fugir do lugar de várias formas. No entanto, apesar do tempo e espaço curtos em que se dá a trama, a narradora consegue fazer o leitor entrar na mente da protagonista, pois faz uma viagem no tempo para esclarecer qual a origem do seu trauma e, de maneira detalhada, expõe a dificuldade da criança em ser reinserida na sociedade. A narradora mostra lembranças que aparecem frequentemente intercaladas com os fatos reais e que ajudam a

entender o que se passa na mente do protagonista, suas angústias e anseios, além da saudade que sente da Selva Peruana.

Protagonista do conto, Leonardo é, segundo o diretor do albergue, uma das crianças rebeldes que não se adaptam às novas condições. O conto inteiro fala sobre a busca pelo protagonista que está escondido, pois não quer ir à escola. Ele estranha o albergue por ser completamente diferente do seu lugar de origem:

No quiere comer. No le gusta la comida del albergue: no hay yuca, ni maní, ni carne de monte y el pescado no tiene sabor. Tampoco los plátanos. Hasta las raíces que le daba su madre en el monte tenían más sabor. Y la tierra aquí no huele. Porque no llueve. (VIDAL, 2015, s/p)

Apesar de saber que o diretor do albergue não vai bater nem gritar, durante as recordações do protagonista, percebe-se o medo de confiar no homem branco, pois ele recorda que nunca deve confiar em ninguém. Foi o que aprendera com sua mãe após a dura experiência do conflito com os terroristas:

El hombre del albergue no grita. No pega. A este no le teme. A veces a sentido ganas de tenerle confianza, pero se ha resistido. No es bueno confiar. Cuando los terroristas llegaron por primera vez engañaron así a la comunidad: prometieron educación, comida, dinero, de todo. Era mentira. Eso le contaba su madre cuando estaban juntos, al inicio. (VIDAL, 2015, s/p)

Os dois contos, embora narrados de formas distintas, enfatizam lados dos acontecimentos que muitas vezes não aparecem na história oficial. “La muerte tenía nuestros dedos” aborda a triste história das mulheres esterilizadas, porém pelo olhar de uma médica e não das indígenas, as quais aparecem como personagens secundárias. Talvez, por não apresentar uma relação verdadeiramente empática com as pacientes, constrói-se um conflito entre agentes do Estado e indivíduos sujeitos a perderem seus direitos. Observa-se

que em nenhum momento há espaço para a voz das indígenas, exceto através das observações da protagonista que, por desconhecimento da língua local, apenas supõe o que querem ou pensam os habitantes daquela região, por meio de suas feições ou atitudes.

Já o segundo conto, “Cuando el río suena”, narrado em tom memorialístico e que nos leva aos tempos do terrorismo no Peru, o protagonista revela algumas de suas angústias e memórias da sua comunidade. Além disso, reforça o quanto um conflito interno não só desestabiliza uma pessoa, mas toda a família ou grupo social. Em paralelo à história do menino Leonardo, a narradora comenta sobre a vida de outras pessoas, como a de Juana, que sofreu com as consequências do conflito:

Juana es de la sierra, pero es buena gente. Ella también sufrió bastante. Los senderos exigieron que entregaron a su hijo mayor: era la <<cuota>> a la revolución. No lo volvieron a ver. Por eso los sinchis pensaron que todos eran terroristas y se llevaron su esposo y a su otro hijo y tampoco les volvió a ver. De paso se llevaron a su hija. A ella sí, la encontré. Muerta. Violada y muerta. (VIDAL, 2015, s/p)

O primeiro conto apresenta a narrativa feita pela protagonista e passa a ideia de acontecimento em tempo real, ou seja, sabemos como ela inicia e quando chega ao fim da história. Em contrapartida, o segundo conto é narrado de forma mais distante e são revelados apenas poucos fatos por parte da protagonista, além das histórias paralelas. No que diz respeito a semelhanças, os dois contos possuem pontos em comum, personagens que representam as comunidades indígenas, que possuem seus direitos violados e sua cultura desrespeitada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crítico Eduardo Coutinho (2003, p. 24) enfatiza a importância de estudarmos não somente os textos remanescentes das culturas indígenas que surgiram antes da chegada dos

européus, mas também os que continuaram sendo produzidos na oralidade e sobre a influência das diversas culturas umas sobre as outras. Dessa forma, os contos analisados nesse trabalho nos ajudam a entender brevemente o que aconteceu às mulheres durante a época de terrorismo no Peru, bem como fortalece a importância do respeito às pluralidades e a compreensão da cultura do outro. Boesten (2014, p. 13) evidencia que outras denúncias podem ser encontradas, como relatos de experiência a partir de depoimentos coletados pela *Comisión de la Verdad y de la Reconciliación (CVR)*.

No que diz respeito à cinematografia, Rueda e Garcia (2015) abordam o interesse crescente de cineastas latino-americanos, mais especificamente do Peru e Colômbia, por divulgar histórias de vítimas até então anônimas e silenciadas pelo tempo, como as mulheres indígenas. As autoras analisam dois filmes, sendo um colombiano, *La Sirga* (2012), e outro peruano, *La teta asustada* (2009), ambos sobre a vida de jovens mulheres com sequelas adquiridas pela experiência dos conflitos na Colômbia e no Peru, respectivamente.

Apesar de a América Latina estar repleta de fatos que contam os diversos conflitos em torno de problemas políticos e sociais, inclusive os anos de ditadura sofridos por quase todos os países que compõem o continente, muitos casos de violência ainda são silenciados, casos estes que podem se repetir por falta da propagação destas informações. Por isso, salientamos a importância da disseminação desses assuntos por meio da literatura, do cinema e das artes visuais, bem como a importância do estudo das diversas literaturas latino-americanas.

Nesse sentido, o crítico Ángel Rama, em *Transculturación narrativa en América Latina* (2008), chama a atenção para o crescente movimento de aculturação que os jovens peruanos vivem, que podemos observar também nos contos compilados por Carrasco (2015). Porém, diferente daqueles indígenas, estes jovens se mesclam à sociedade moderna e, aos poucos, perdem seus valores e seu vínculo com a ancestralidade, o que colabora com o esquecimento dos fatos acontecidos no passado, que deveriam ser propagados por gerações.

No processo de aculturação registrado ao longo das últimas décadas, a perda dos valores culturais próprios leva também à perda das

reivindicações comunitárias, que desaparecem dentro de outras que pertencem a estruturas de classe da sociedade modernizada. (RAMA, 2008, p. 196, tradução nossa) <sup>3</sup>

No tocante ao estudo da literatura indígena e sua propagação, pesquisadores como Ana Pizarro (1985) e Eduardo Coutinho (2003) apontam para a organização do estudo da literatura latino-americana, levando em consideração vários tipos de expressões literárias. Ou seja, para Coutinho (2003), devemos compreender que a literatura europeia se mescla com as formas já existentes e dão origem a novas manifestações. Portanto, não devemos priorizar uma só literatura, mas sim considerar as diversas manifestações como necessárias e de igual importância.

Contudo, não se trata, é preciso frisar, de mera inversão do modelo-padrão do comparatismo tradicional nem de uma extensão do paradigma etnocêntrico a outros sistemas periféricos. O que se pretende, ao contrário, é o estabelecimento de um diálogo em pé de igualdade entre essas diversas literaturas, assegurando a transversalidade própria da disciplina (COUTINHO, 2003, p. 26).

A professora e pesquisadora Ana Pizarro, especialista em assuntos de literatura e cultura na América Latina, em seu livro intitulado *La Literatura latinoamericana como proceso*, comenta que, apesar das literaturas indígenas estarem ganhando espaço, ainda avançam muito lentamente em comparação ao sistema literário culto. No entanto, devemos manter a luta por incluir e divulgar a cultura indígena para que seja garantido o respeito por uma cultura popular que marca presença em todo território latino-americano.

---

<sup>3</sup> No original: En el proceso de aculturación registrado a lo largo de las últimas décadas, la pérdida de los valores culturales propios lleva también a la pérdida de las reivindicaciones comunitarias, que se sumen dentro de otras que pertenecen a las estructuras de clase de la sociedad modernizada. (RAMA, 2008, p. 196)

Ainda assim, muitas vezes, os múltiplos registros, entre eles o popular e indígena, são ignorados e sujeitos ao desrespeito, como observamos nos contos do pós-conflito.

De acordo com Rosa (2000, p. 43), o pesquisador e antropólogo peruano José Maria Arguedas é um grande exemplo de quem tentou integrar em si mesmo duas línguas e duas culturas que vivem em constante disputa por um lugar de reconhecimento, a espanhola em detrimento da indígena. Na sua obra mais aclamada, *Los ríos profundos*, Arguedas narra a cultura e costumes dos povos indígenas, de maneira a evidenciar os valores e anseios de um povo marginalizado. Revela também os problemas sociais, a tradição da exploração de terras e diversos obstáculos que os indígenas vivenciam em seu cotidiano. Para tanto, o protagonista Ernerto - que possui sua história semelhante ao indígena do segundo conto, “Cuando el río suena” – tem em sua vida um dilema entre as duas culturas também.

Ainda que os contos do livro *Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el terror* sejam obras de ficção, estão baseados em testemunhos contados por mulheres que convivem com seus traumas diariamente e que não encontram solução senão aprender a lidar com eles. Compartilhamos do mesmo pensamento de Carrasco (2015) em relação à necessidade de divulgar os relatos das pessoas mais afetadas por estes conflitos. Talvez, incentivando a criação de uma memória de casos, poderemos ajudar a combater a reprise de tais atos. Além disso, concordamos com os diversos críticos literários que fomentam estudos e defendem a inclusão das literaturas indígenas para dar lugar à pluralidade cultural do nosso continente.

No Peru, durante 20 anos, a população viveu na mira do duplo terrorismo, do *Sendero Luminoso* e do Estado, sendo este legitimado pelas instituições, como afirma Diego Trelles Paz (2012) no romance *Bioy*. Entretanto, não temos o intuito de buscar o lado mais violento do conflito, mas analisar os fatos para inteirarmo-nos de nosso passado e, conseqüentemente, compreendermos melhor a nossa realidade, bem como enfatizar a importância e o reconhecimento da diversidade cultural que compõe a América Latina.

Em síntese, ao divulgar os contos selecionados e salientar o descaso com os povos indígenas, os quais sofrem e permanecem com sequelas físicas e psicológicas, este trabalho ressalta, ainda, a necessidade de mais estudos referentes à América Latina e seu povo. Assim,

defende-se a propagação de histórias silenciadas ao longo dos anos e a reivindicação incansável dos críticos teóricos da literatura latino-americana, pois há grande diversidade cultural, além de fatos ocultados ou pouco divulgados na história do nosso continente. Por fim, esta pesquisa corroborou para o fortalecimento da identidade latino-americana e para a construção da memória de traumas sociais.

## REFERÊNCIAS

ANA PIZARRO (org.). *La Literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.

BOESTEN, Jelke. *Violencia Sexual en guerra y paz: género, poder y justicia postconflicto*. London: Palgrave, 2014. (Estudo das Américas). Disponível em: [https://www.palgrave.com/gp/series/14462?dnc=true&facet-subj=subj\\_411080](https://www.palgrave.com/gp/series/14462?dnc=true&facet-subj=subj_411080) Acesso em: 19 set. 2020.

CARRASCO, Ana María Vidal (comp.). *Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el terror*. Lima: Ediciones Cocodrillo, 2015. *E-book*

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

DAVID HIDALGO (Peru). Ojo Público (La Madre) (ed.). *Ikumi Times: el país de las mujeres esterilizadas*, 2019. Disponível em: <https://ojo-publico.com/1105/ikumi-times-historias-del-mayor-caso-de-esterilizaciones-forzadas-en-america-latina> Acesso em: 07 set. 2020.

DEGREGORI, Carlos Iván. *El Surgimiento del Sendero Luminoso*. Peru: Iep Ediciones, 2010.

FERREIRA, Rocío. Cuentos del postconflicto peruano: entre el dolor y la esperanza en Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el terror. *América Sin Nombre: El cuento hispanoamericano del siglo XXI*, Alicante - Espanha, v. 22, n. 1, p. 17-24, jan. 2017. Anual. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/71907> Acesso em: 19 set. 2020.



- FRANCO, Jean. *Decadencia y caída de la ciudad letrada*. Madrid: Debate, 2003.
- LÓPEZ, Tomás Regalado (ed.). *Senderos de violencia.: latinoamérica y sus narrativas armadas*. Proyecto Letral: Revista Electrónica de Estudios Transatlánticos de Literatura, Granada (Espanha), v. 18, n. 1, p. 135-139, jun. 2017. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/letral/article/view/6055> Acesso em: 19 set. 2020.
- PAZ, Diego Trelles. *Brioy*. Lima: Destino, 2012.
- RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. 2. ed. Buenos Aires: El Andariego, 2008. 352 p. (Colección Contracorriente).
- RAUL GARCIA (Peru). Ministério de Cultura del Peru (org.). *Lugar de la Memoria, la Tolerancia y la Inclusión Social - LUM*. Ikumi: Esterilizaciones Forzadas en el Perú. 2020. Disponível em: <https://lum.cultura.pe/exposiciones/ikumi-esterilizaciones-forzadas-en-el-per%C3%BA>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- ROSA, Sandro Ricardo. *A crítica cultural de Ángel Rama: ética e política para interpretar as diferenças na américa latina*. 2000. 195 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2000.
- RUEDA, Amanda; GARCÍA, Paola. Figuras femeninas y desplazamiento forzado. Nuevos enfoques en las cinematografías colombiana y peruana contemporáneas. *Amerika: Memórias, Identidades, Territórios*, [S.L.], n. 13, p. 1-12, 9 dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/amerika.6980> Acesso em: 19 set. 2020.
- SAONA, Margarita. *Memory Matters in Transitional Peru*. London: Palgrave Macmillan, 2014. (Memory Studies).
- THORNDIKE, Jennifer. La muerte tenía nuestros dedos. *In*: CARRASCO, Ana Maria Vidal (org.). *Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el terror*. Lima: Ediciones Cocodrillo, 2015.
- VARGAS-LLOSA., Mario. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1981.
- VIDAL, Christiane Félip. *Cuando el río sueña*. *In*: CARRASCO, Ana Maria Vidal (org.). *Al fin de la batalla. Después del conflicto, la violencia y el terror*. Lima: Ediciones Cocodrillo, 2015. *E-book*